



A SOCIOLOGIA RELACIONAL DE GEORG SIMMEL: RELIGIOSIDADE, MORAL E MODERNIDADE

The Relational Sociology of Georg Simmel: Religiosity, Morality, and Modernity

Cícera Pinheiro*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Valtenci Lima de Oliveira***

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

DOI: 10.29327/2763381.16.2-1

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar a construção da moral religiosa a partir da sociologia relacional de Georg Simmel. Mediante uma pesquisa bibliográfica exploratória, discute-se como as formas de sociação, particularmente as religiosas, são constituídas pelas interações recíprocas e, muitas vezes, antagônicas entre os indivíduos. O texto contextualiza a posição de Simmel no pensamento sociológico clássico, explora seus conceitos centrais – como interação, reciprocidade (*Wechselwirkung*) e sociação (*Vergesellschaftung*) – e aplica seu arcabouço teórico para interpretar fenômenos da modernidade, como a monetarização das relações e a persistência da religiosidade. Conclui-se que a perspectiva simmeliana, ao romper com visões substancialistas, oferece uma ferramenta analítica poderosa e atual para compreender as dinâmicas sociais contemporâneas, nas quais conteúdos atemporais, como a fé, se reinventam em novas formas de interação.

Palavras-chave: Religião; Modernidade; Simmel; Sociologia Relacional.

* Licenciada em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), especialista em Gestão Educacional pelo Instituto de Ensino Superior Natalense (IESN), Mestre em Ciências Sociais; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). E-mail: cicerapinheirobatista.patricia@gmail.com

** Doutor e pós-doutor em Ciências Sociais, especialista em estudo da religião e da epistemologia das Ciências Sociais. Coordenador do PPGCS-UFRN, Grupo de Pesquisa Mythos-Logos e Plataforma Nosso Futuro Comum do Instituto Humanitas. E-mail: orivaldojr@yahoo.com.br

*** Bacharel em Teologia pela Faculdade Unidade de Vitória, licenciado em História pela Universidade Educacional da Lapa, licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí, especialista em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro e Mestre em Ciências Sociais; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisas Mythos Logos (UFRN). E-mail: prvaltencioliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Enquanto clássico da sociologia, Georg Simmel foi mantido à margem quando comparado a seus contemporâneos, como Émile Durkheim e Max Weber. No entanto, o fato de ter sido, de certo modo, negligenciado na academia não o tornou menos importante, embora suas reflexões sobre as relações sociais tenham sido secundarizadas por um longo período. As noções de sociedade postas em discussão em suas obras oportunizaram uma maneira diferente de analisar as relações entre os sujeitos e o seu entorno, assim como os elementos lançados como mecanismos de comunicação ou interação entre eles.

Oscilando entre a filosofia e a psicologia social, Simmel pretendia apreciar de forma original as faces mais peculiares das experiências em sociedade. Pôs-se a interrogar como e por que os relacionamentos humanos foram examinados como objetos exclusivos dos cientistas (Simmel, 2021). Assim, compreendeu que a dinâmica do processo histórico levaria os sujeitos a lançarem mão dos recursos necessários para estimular a reciprocidade individual e coletiva.

Dentre os elementos recursivos analisados por Simmel, religião e religiosidade são pontos de referência essenciais, além de conceituados como dimensões distintas nos círculos sociais. Ele se debruçou sobre a concepção de religiosidade pautada nas diferentes formas de ação mútua, a saber: a relação de troca entre os atores, tipos sociais como as mulheres e os pobres, dentre outros, bem como questões constitutivas a essas categorias.

Neste artigo, propomos uma reflexão analítica de forma exploratória sobre a construção moral religiosa nos textos de Simmel, haja vista que, para o autor, o termo "construção" está estreitamente alinhado ao conceito de movimento, portanto, atemporal e proveniente das interações em todas as épocas, o que confirma a atualidade do pensamento simmeliano.

Supomos que a perspectiva adotada por Simmel é a de que o conjunto social se assenta numa interação contrastante, na medida em que os vínculos são construídos através das trocas, sejam estas utilitaristas ou não. Este movimento contínuo inspira a construção das formas sociais mediante a relação de reciprocidade, com toda a sua carga de conteúdos, como, por exemplo, os sentimentos positivos ou negativos compartilhados entre sujeitos que se identificam.

Sugerimos que, para o sociólogo, manter uma visão demasiadamente distante das relações entre as dimensões objetiva e subjetiva seria desprezar as experiências cotidianas na construção de valores doutrinários em grupos distintos. A análise foca na perspectiva do autor no que tange à construção moral religiosa mediante relação com a vida moderna, além de ressaltar a importância dos seus estudos para compreender questões do nosso século.

Esta pesquisa exploratória é pautada no método bibliográfico, que toma como referência teórica os textos a seguir: *Sociologia: estudos sobre as formas de socialização* (2021), na qual Simmel versa sobre as múltiplas relações sociais concretizadas através de socializações permanentes; *Ideias religiosas fundamentais* (2008), texto no qual o autor apresenta a metodologia compreensiva ao analisar a mutabilidade das formas religiosas, cujo conteúdo atemporal prevalece; e *Filosofia do amor* (1993), por esta realçar que as impressões impessoalizadas dos sujeitos modernos os levariam a construir relações específicas com o dinheiro. Ou seja, o laço entre a racionalidade e a economia monetária, por meio do qual tendemos a reagir sob a influência das operações objetivamente positivas, exacerba a atitude *blasé*.

A bibliografia complementar de Papilloud (2018), entre outras referências, fornece condições para compreender os conceitos examinados neste artigo. Agregamos as reflexões de Souza (2005) e Velho (1973), que se fazem necessárias à discussão, pois, de certo modo, perfazem os caminhos trilhados por Simmel no âmbito acadêmico brasileiro. E, apesar do interesse recente de acadêmicos na obra deste autor, notamos que há uma escassez de traduções brasileiras nos últimos anos, o que nos leva a utilizar, nas universidades, publicações mais antigas, como as que apresentamos nas referências.

Seja na filosofia ou nas Ciências Sociais, parte significativa de sua obra adentrou o Brasil, como observa Waizbort (2007), por meio de traduções em espanhol, fenômeno de importância singular para quem estuda seus escritos. Posteriormente, se fez importante nas análises sociológicas de autores como Gabriel Cohn, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, o que conferiu a Simmel status relevante na construção das disciplinas em universidades, onde sua obra forneceu conjecturas às pesquisas sociológicas.

Este trabalho se consuma como fruto das leituras realizadas no decorrer do curso de doutorado em Ciências Sociais. Portanto, se desenvolve como uma pesquisa bibliográfica exploratória que

considera alguns dos conceitos mais notáveis da sociologia relacional de Simmel, bem como sua concepção teórica e metodológica acerca da moral religiosa enquanto fenômeno da relação. Isto sob um olhar da interação, notadamente mutável e inconstante, ao mesmo tempo que optou por romper com as compreensões substancialistas das teorias sociais modernas.

A SOCIOLOGIA RELACIONAL: IDEIAS E FORMAS RELIGIOSAS

Enquanto um autor do período clássico da Sociologia, Georg Simmel (1858-1918) proporciona discussões bastante atuais, em que suas ideias são revigoradas ao passo que fundamentam os debates contemporâneos sobre mudanças estruturais na ordem socioeconômica. Ademais, Simmel é importante para pensarmos questões da relação sociedade/indivíduo por ocasião dos seus estudos acerca da interceptação dos vínculos na medida em que se constroem permanentemente.

Para Souza (2005), o que impulsionou o *revival* de Simmel nas últimas décadas no ambiente acadêmico é principalmente a originalidade com que tratou de questões tais como: dinheiro, religiosidade, divisão social do trabalho, urbanização, dentre outros, a partir do cotidiano dos atores sociais. Portanto, seu estilo e método não só fogem dos padrões acadêmicos de sua época, como também o tornaram conhecido por captar aspectos particulares das relações sociais através da escrita ensaística.

A sociologia relacional de Simmel é desafiadora por apresentar, em suas análises, conceitos polissêmicos na tentativa de inovar no estudo das ciências socioculturais (Papilloud, 2018, p. 201-213). Este aspecto de sua literatura dificultaria a compreensão e interpretação de suas ideias e conceitos, sobretudo nas traduções para outras línguas. Isso gera a necessidade de considerar o contexto, assim como as relações que Simmel estabelece durante a vida. Porém, não só isso, pois a própria dinâmica de sua escrita requer compreensão de suas articulações para a sociologia relacional. Barbara (2013) entende que, das primeiras críticas epistemológicas às ideias kantianas, surge a proposta de critérios metodológicos próprios, nos quais *compreender* ganha um sentido diferente do que estava em voga na época, como bem destaca Papilloud (2018).

“Compreender, segundo Papilloud (2018), não significa descrever a realidade fatural nem construir um sistema ideal numa linguagem filosófica, moral, histórica ou sociológica para aplicar à sociedade. Compreender significa, acima de tudo, tomar uma

ideia e investigar as condições sob as quais tal ideia pode ser mantida. Numa linguagem mais contemporânea, diríamos que compreender no sentido de Simmel significa construir uma hipótese” (Papilloud, 2018, p. 207).

As análises de Simmel sobre aspectos estruturais importantes chamam atenção por ressaltar a construção das relações sociais, bem como a manutenção destas por meio de elementos surgidos da reciprocidade de intenções originais entre atores, a exemplo da dimensão religiosa (Barbara, 2013; Ribeiro, 2006; Simmel, 2006). Duvidoso sobre as definições da essência religiosa, tal como vinha sendo abordada por outros analistas na modernidade, Simmel se pôs a perguntar sobre as qualidades religiosas nas mais diferentes relações e ideais não necessariamente religiosos, para além do que propunham as teorias contemporâneas a ele.

O movimento que Simmel faz demanda compreender o antagonismo das relações a partir do rateamento de intenções entre os indivíduos e o conjunto, ainda que, a depender da ocasião, fossem postos em posições díspares. Conforme este entendimento, o atuar religiosamente não estaria necessariamente contemplando a expressão espiritual voltada à divindade no sentido metafísico, mas sim às atividades em que o desejo e altruísmo seriam cultivados por oposição ao egoísmo ou à influência da ética social (Simmel, 2006; Barbara, 2013). Sob o argumento das relações antagônicas provenientes do compartilhamento de opiniões religiosas, Simmel propôs abrir mão de fenômenos que não estivessem em relação com a religião, a fim de examiná-la enquanto categoria que estabelece as experiências.

Há um esforço em demonstrar uma psicologia coletiva abastecida de conteúdos heterogêneos, no entanto, estreitamente ligada a um *status* religioso para explicar o compartilhamento das convicções, por vezes de maneira tácita. “Todas essas relações de conteúdos infinitamente variados poderiam ser vistas como partilhando uma forma psicológica dotada de um tom que só pode ser descrito como religioso” (Simmel, 2011, p. 4). O sentido dado por Simmel é da relação que se estabeleceria sob um certo grau de tensão emocional, surgida de condições subjetivas peculiares, a partir das quais os sujeitos viriam a se sentir incluídos numa “ordem superior”, ao mesmo tempo interiorizada e pessoalizada por eles (Simmel, 2011).

A noção de sujeito social e Estado simmeliana ajuda a compreender as noções de desigualdade construída sob a relação indivíduo-coletividade. Uma vez que o estatuto de

determinadas categorias frente à sociedade se organiza conforme a assistência pública proveniente de ações específicas efetuadas pelo Estado, sindicato, igreja, família etc. Segundo argumentam Ivo (2008, p. 171-179) e Simmel (2006, p. 30-50), estas relações tratadas como “interdependentes” assentam-se, sobretudo, na concepção de obrigação moral coletiva, ignorando os interesses de grupos marginalizados. Se a concepção do direito social é substituída pela obrigação moral da assistência, a sociedade não enxerga a pobreza como um problema a ser discutido no âmbito político.

Quanto à forma de vida religiosa, assim como as outras tantas, sobrevive sob a conexão com um conteúdo específico, sem necessariamente passar por alterações ante um novo conteúdo (Simmel, 2011, p. 1-18). Isto porque o desenvolvimento humano, em meio às transmutações no percurso histórico, caminha do sensível ao espiritual, fazendo o percurso de volta, e ao mesmo tempo percorrendo diferentes formas onde a fé, enquanto modo de conhecimento, tem um papel social indispensável. Nesse processo, as percepções simultâneas dos conteúdos, assim como as projeções destes para o futuro, se conectam de modo a conservar as formas de vida, mesmo com a aderência ou circulação de conteúdos inesperados.

Para entender a conservação das formas, Simmel propõe traçar perfis dos aspectos responsáveis por apresentar ligações das partes ao todo, ou seja, do individual ao grupal. Percebeu que os aspectos da fé, enquanto necessidade, junto ao conceito de Deus, da mesma maneira que o conceito de unidade, enquanto resposta coerente à ação religiosa, deveriam ser levados em conta na compreensão do fenômeno da relação social. Nessa perspectiva, o “complexo psíquico intermediário” que é a fé, uma vez introduzida nos atores ou coletividades, se torna o poder a manter os laços. Estes, mantenedores de uma unidade social, embora inicialmente não se manifestem dessa forma.

Acredito, sim, que os laços sociais, sem qualquer consideração de dados religiosos, surgem como uma relação puramente interindividual e psicológica, que mais tarde se manifestará de modo abstrato na fé religiosa. Na fé em algo divino, o puro processo de fé ganhou corpo, digamos, e se separou de sua contraparte social. Inversamente, a partir do processo subjetivo de fé, se desenvolveu um objeto para essa fé. A fé nas relações humanas, que vez por outra nasce como uma necessidade social, torna-se uma função autônoma e típica da humanidade e se afirma espontaneamente a partir de si mesma (Simmel, 2011, p. 9).

Na forma intuitiva, haveria uma espécie de circularidade interativa, cujo início se daria com a composição dos laços sociais. Esses laços, sem conteúdo ou intenções religiosas e

puramente individualizados, mais tarde tomariam proporção no interior das religiões, sendo expressados na crença em algo. Ou seja, o que surgiu de forma puramente psicológica e pessoalizada, posteriormente se legitima na divindade enquanto fé. Dispersado do social, ao mesmo tempo se fortalece, construindo seu próprio objeto de interpretação propriamente subjetiva. E que, no entanto, se torna autonomizado para a efetivação do objeto de culto.

Podemos deduzir em *A filosofia do Dinheiro* que os laços, assim como acreditar em algo ou alguém, surgem como conteúdos influentes na composição das inter-relações modernas. Como a economia monetária ou o dinheiro, a autonomização das coisas ocasionadas pela objetivação ilusória e instrumentalização racional são características preponderantes dessas relações. O ideal almejado na modernidade traz em si a má consciência. O juízo de uns sobre os outros, originado das diferenças que a sociedade institui nas pessoas em condições sociais e econômicas, funciona como esteio para comportamentos morais, que, por conseguinte, supostamente liberta, porém, exclui e responsabiliza o indivíduo por sua sorte.

O programa sociológico de Simmel, conforme Barbara (2013), traz o conceito de ciência assinalado por conflitos na sociologia, pois pretendeu fundamentá-la buscando apoio em "analogias de método com outras ciências". Por meio disso, Simmel procurou legitimar a sociologia, entendendo-a como a ciência da sociedade, com características próprias e elementos inter-relacionados indispensáveis à discussão científica. Trouxe em si o significado do "material humano", atrelado à "soma das formas de relações". Dentre essas formas, a religião, como ótica particular, haveria de operar de maneira inteligível para modelar cognitivamente as relações do sujeito com seu entorno.

A interação da forma religiosa com outros pontos de vista, portanto, não significou nada além da sua formalização mediante ações, percepções e representações sobre os outros e as coisas (Barbara, 2013). A Arte, a Ciência, o Capital, e assim por diante, poderiam sim tecer relações com os sujeitos cuja pretensão fosse acessar conteúdos religiosos. Por conseguinte, conteúdos manifestados em qualquer elemento suscetível à religiosidade, no sentido prático das questões cotidianas, das quais os conflitos mencionados nas distinções, por vezes, sentenciam as socializações. Daí a relevância sociológica do conflito para Simmel. Ele reconhece que a "oposição é um elemento da própria relação, está intrinsecamente entrelaçada com outros motivos de existência da relação" (Simmel, 1983, p. 127).

A leitura que Simmel faz das formas de relações desenvolvidas na, e para a modernidade, reflete o que ele pensa sobre mudanças. Dado que os fenômenos primários (como a ordem social mediante conteúdos religiosos) e secundários (como a prostituição decorrente da ordem), passam a ser compreendidos sob seu estado original.

A posição das prostitutas depende dos sentimentos sociais que elas despertam, e não podemos saber em que medida a eliminação do capitalismo e de suas consequências alterará isso. Conquanto se possa dar por certo o fim do atual desprezo pelas "decadentes" e sua exclusão, que acarretam uma terrível interação, sua desmoralização sempre crescente, é provável que a mulher que vive de maneira monogâmica despertará, enquanto subsistir o casamento monogâmico, o sentimento de um valor pessoal mais elevado do que o da mulher que se entrega a vários homens (Simmel, 1983, p. 15).

Para bem ilustrar essa dinâmica conflituosa, vemos alguns exemplos dados por Simmel no livro *Filosofia do Amor*. Dentre alguns desses exemplos, destaca-se a relação do dinheiro com a prostituição na modernidade, como resultado da indiferença e adaptação aos hábitos, bem como os contrastes oriundos do ritmo metropolitano. A prostituição é apresentada como uma mercadoria resultante das condições de desigualdade e forjada na desvalorização da personalidade das mulheres, sobretudo das prostitutas pobres. Nesse contexto, a liberdade venerada sob o manto das relações racionais culmina na face mais impiedosa da economia do dinheiro (Simmel, 1993). Porquanto, trata-se de um processo de troca religiosamente alinhado à necessidade de legitimação de algumas práticas sociais.

A forma mencionada sobrevive à luz das oposições compulsórias em que mulheres e homens despertam na sociedade sentimentos diferenciados e, portanto, conflituosos. O dinheiro, enquanto medida de quase tudo, é transformado na forma mais impessoal de troca. Na dinâmica que garante a conservação da sociedade pelo sacrifício de uns para o bem-estar de outros, mediado por conflitos permanentes, as coisas e as ações assumem, diante da lógica da mercantilização, um valor equivalente, pois as regras morais solicitam que a relação coletivo/indivíduo se abstenham da personalidade. Isso ocorre na prostituição, como em qualquer prestação de serviço, com o equivalente moral monetário; no entanto, a aceitação desigual torna negativas algumas práticas, e outras não.

A diferença que a sociedade estabelece, assim, no juízo e no tratamento que reserva à prostituição elegante e a prostituição miserável é um dos exemplos mais esclarecedores, ou até mais tenebrosos, da equidade dessa sociedade, pois, assim que o dinheiro se torna a medida de todas as outras coisas – uma infinidade de objetos

extremamente diferentes podendo ser obtido em troca dele – ele mostra uma ausência de cor e de qualidade que, em certo sentido, desvaloriza tudo aquilo de que é o equivalente (Simmel, 1993, p. 3-5)

O que Simmel examina genericamente é a relação que os seres humanos constroem por intermédio das possibilidades dadas por uma variedade de vínculos não duráveis, em que o dinheiro assume o papel de mediador dos valores morais. Os vínculos, enquanto precondição objetiva, se apresentam na conjuntura moderna (Simmel, 2021). Eles se tornam cada vez mais frágeis na construção de uma identidade individual.

A identidade moderna, portanto, foi forjada numa relação de dependência que encontrou no cristianismo o pano de fundo para a significação ampliada da alma humana (Simmel, 1993). Simmel parte do princípio de que os sujeitos, por adotarem uma visão diferente da ideia que os gregos tinham do divino, passaram a experienciar a coação e os encargos como pré-condição para sua aceitação diante de Deus e da sociedade. Isso ajuda a compreender a construção de uma psicologia dualística do valor individual, que diferencia um ser humano dos outros. A categorização de classe, gênero e raça é o exemplo mais próximo dessa percepção.

Uma visão instituída sob a falsa sensação de liberdade sugerida pela universalidade dos comportamentos, das formas e dos conteúdos. Tal liberdade, no sentido moderno, nada mais é do que o distanciamento em relação aos outros. O que contraria a noção de laço social advindo tradicionalmente de relações intersubjetivas, diz Simmel (2006). E, portanto, legitimadas na solidariedade entre indivíduos que, juntos, compõem o fenômeno da massa, onde as frações mais primitivas do ser humano em desenvolvimento se interrelacionam, construindo o social.

RELIGIOSIDADE: IDEIA DE PERTENCIMENTO NA RELAÇÃO INTERSUBJETIVA

A religiosidade, para Simmel, é instaurada nos grupos humanos, uma vez descobertas as afinidades psicológicas que proporcionam certo grau de interação conforme interesses, afins ou contrários. Mas, para além disso, a religiosidade é compreendida, a princípio, como a condição do ser humano ao se conectar de maneira pessoalizada com seu entorno, produzindo e revelando uma cosmovisão original. Nessa fase da experiência humana, a sociabilidade é refletida nas condutas e perspectivas éticas e morais, baseadas na concordância tácita entre

pessoas em posições diferenciadas e mantidas pela ideia compartilhada de Deus. Tal como a relação de pertença do indivíduo ao todo, respeito e obediência entre pai e filho ou entre o rei e seus súditos, por exemplo, que ganham novas roupagens no decorrer da história. No entanto, diz Simmel:

seria, porém, uma cegueira completa ter por extintas, juntamente com estes, as necessidades internas que, até agora, foram satisfeitas por tais conteúdos. Delas só é possível dizer que se pode, de modo passageiro, reduzir ao silêncio ou sujeitar a um desvio: além disso, o nosso conhecimento histórico mostra que elas mergulham por demasiado tempo e modo muito profundo, na raiz da natureza humana (Simmel, 2008, p. 8)

Para Simmel, Deus é um conceito que a ciência não apreende. A relação psíquica com a ideia do divino permanece, assumindo novas formas com o passar do tempo. Surgidas às necessidades da relação social, os conceitos estreitamente voltados para a subjetividade (como Deus e fé), cuja recepção é fundamentada na noção de dependência, passam com o tempo a significar a objetivação da subjetividade.

Essas duas dimensões, garantindo a possibilidade de relações intercambiáveis, promovem, de certo modo, uma interdependência entre a forma e o conteúdo social. Os conteúdos, tidos por Simmel como objetivos, tais como os que envolvem a construção/concretude de algo palpável como a tecnologia, ou subjetivos, contemplando a satisfação dos impulsos psicológicos (Papilloud, 2018).

Para Papilloud, devemos compreender forma e conteúdo na mesma medida em que distinguir intercâmbio e socialização na dinâmica das relações sociais enquanto fenômeno eminentemente humano, tal como Simmel o explorou. Ou seja, sendo a soma que constitui a sociedade, porém, não meramente superficial e absoluta. E para esse propósito, é fundamental considerar alguns conceitos, tais como os que seguem.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA SOCIOLOGIA RELACIONAL

É preciso levar em conta o quadro conceitual formulado por Simmel na fase a partir da qual o autor focaliza sua crítica à perspectiva kantiana até fins do século XIX. A partir daí, Simmel avança na construção dos seus critérios metodológicos em defesa da Sociologia enquanto

disciplina científica. Para este fim, ele reorienta a discussão sobre como os sujeitos desempenham seus papéis mediante interações sociais. Isso incorre em um relativismo relacional. “No aspecto teórico e metodológico, relativismo no sentido de que a realidade social é construída por relações” (Papilloud, 2018, p. 3).

Vejamos que Papilloud (2018) comenta *Tausch* (troca), conceito que Simmel utiliza como movimento operante mediante as diversas formas de contato entre atores para concretizar ações sociais. Cohn (1998) discute que o “estar mais perto e estar mais longe,” na sutileza do jogo social envolvente nas trocas, a partir das quais os laços construídos permanentemente são particularidades próprias das relações. No entanto, a compreensão de como essas relações permanecem não se reduz à construção desses laços, uma vez que podem ser duradouros ou não, a exemplo dos vínculos econômicos.

Para Papilloud (2018), dentre as muitas interpretações para o conceito de *Wechselwirkung* (interação recíproca), há aquela que abarca a noção de possibilidade na qual poderíamos alinhar todos os movimentos associados à construção da forma social. No sentido da multiplicidade, as várias formas de energia da vida. Atrações e repulsões são partes integrantes da vontade, que também funciona como mecanismo de ligação entre os atores sociais. Essa vontade corresponde ao que Cohn (1998) diz ser “os fluxos das experiências” ou de onde surge a potência que alimenta as relações. Em outras palavras, esse conceito representa os elementos psicossociais que mobilizam as interações do cotidiano humano, não devendo ser interpretado como uma relação em si mesma.

Quanto ao conceito de *Vergesellschaftung* (sociação), está associado aos tipos de relações concretas, ou seja, fazer algo (Papilloud, 2018). Apesar desse conceito ser pouco desenvolvido nos escritos de Simmel, a partir dele é possível verificar assimetrias decorrentes da construção cultural, de onde as interações conflitivas são representações das previsibilidades sociais. Essas previsibilidades se mostram nas formas e conteúdos que envolvem crenças, tradições, classes sociais, estrangeiros, gênero, dentre outras categorias, das quais não é possível desprezar as experiências, bem como as formas que os atores evocam nas vivências cotidianas.

Os conceitos mencionados acima correspondem aos momentos em que a vida social se apresenta. É importante acioná-los se quisermos compreender a interação de

interdependência entre a forma e o conteúdo, tal como Simmel os exprime. Por extensão, se relacionam com o movimento cuja função é ligar as relações em toda a sua pluralidade, tornando-as palpáveis, “tendências recíprocas.” Elas mostram o que as atitudes ou ações cotidianas, em todos os seus momentos, poderiam nos dizer a respeito da estrutura relacional. É por essa razão que as formas de sociação da vida social conservam sua origem interativa e recíproca (Cohn, 1998). Portanto, é impossível analisá-las a partir da Sociologia estritamente formal, já que o núcleo do traçado analítico de Simmel pretende analisar fenômenos mediante perspectivas e possibilidades.

A QUESTÃO DO VALOR E DA MORAL NA MODERNIDADE

Como mencionado por Ribeiro (2006), Simmel procura compreender a relação para além da superficialidade, considerando a mais profunda dimensão da alma humana. Ele entendeu que as relações apresentam modulação dos comportamentos através das interações psicológicas antagônicas, mas não necessariamente negativas. Simmel revela a psicologia antagônica na relação do sujeito moderno com o dinheiro, um objeto para o qual a ideia de Deus é transferida, uma vez que nele projetamos, unimos e operamos todas as coisas. Na era moderna, os atores sociais sentem-se seguros, prestigiados, poderosos e felizes sob a posse do sistema de troca, em que o dinheiro se tornou a medida de todas as coisas.

Como afirma Simmel (1973, p. 11), na sociedade moderna, a libertação proporcionada pela conjuntura do século XVIII teria garantido ao indivíduo a capacidade de abstrair-se o quanto possível das “dependências históricas quanto ao Estado e à Religião, à moral e à economia”, mas, ao mesmo tempo, tornaria os indivíduos cada vez mais dependentes das atividades de todos os outros, em função das posições específicas que passaram a assumir a partir de então. A depender de como os sujeitos se relacionam intersubjetivamente ou objetivamente diante das formas sociais, a noção de valores seria dimensionada conforme os objetos de fé se apresentaram para eles/as (Paula, 2009).

Para ilustrar a fração moderna que corresponde à produção de valores, especialização do trabalho e as exigências da conjuntura histórica, Simmel analisou as condições objetivas das quais se deu a oposição entre os sexos. Da mesma forma, ele refletiu sobre as abstrações do cenário envolvendo a pobreza. Adotando o ponto de vista da psicologia histórica, ele entendeu

que as contribuições culturais das mulheres e dos homens precisam ser consideradas, uma vez que cada qual retifica a seu modo, conservando suas particularidades. Observou que as mulheres, na sociedade em que o dinheiro assumiria o *status* de Deus, vivenciavam a negação de sua individualidade. Embora as posições que ocupavam socialmente e economicamente fossem notoriamente distintas, o apanágio percebido nas comunicações que estabeleciam socialmente era o mesmo.

As diferenças pautadas em generalizações, que incluem mulheres, judeus, pobres, dentre outros grupos, acentuaram, via de regra, a distinção, representando a ameaça de um todo cujas partículas se identificam. O que Simmel (1993) vislumbrava seria a transformação dos valores à medida que os modelos forjados na religião, bem como nas disposições dos atores, viriam a ser apreendidos objetivamente em dado momento histórico. O mesmo ocorreria com a estética, a ética e a regra moral, ambos revestidos de importância social no seio dessas transformações.

Simmel (1993) vê importância no modelo classificatório das práticas das mobilizações de grupos, como o movimento de mulheres. Na mesma medida, ele julgou necessário nos atentarmos à forma como os impulsionadores se revelam em cada indivíduo enquanto partícipe ativo da construção, além de suas experiências com a realidade objetiva. Simmel (1993, p. 67-71) vislumbrou que a integração das atividades laborais a um contexto objetivo, modelado sob a divisão do trabalho, acabaria por submeter os seres humanos a um todo impessoalizado.

A perspectiva da construção, baseada em motivações próprias do ator social, mostra que a religião, enquanto forma de conhecimento, buscou ou busca construir uma relação entre a representação das coisas e o que ela significa para a sociedade. Ela se apresenta como um dos inúmeros “fenômenos discretos” entre os quais Simmel problematiza. Para o autor, não é necessário vivenciar o fenômeno para compreendê-lo, e assim admite um relativismo quanto às cosmovisões, mas também quanto às variadas formas de conhecimento.

Simmel buscou responder como a interpretação individual ou a personalidade vai aos poucos se acomodando ao que denominou “forças externas”. Reativamente a essas forças, a intelectualidade, via de regra, procuraria no mais profundo arcabouço consciente se proteger do processo transformativo, caso o perceba como uma ameaça discrepante. As pessoas do

âmbito rural, por exemplo, versus as pessoas metropolitanas, tendem a preservar a vida subjetiva contra toda a força motriz demandada pela estrutura social, econômica e qualquer realização objetiva da vida em sociedade. Mais tarde, essa análise servirá como fundamento para a discussão de Simmel sobre a atitude de indiferença da vida metropolitana.

Simmel analisou que, no estágio da vida em que os sujeitos ficam cada vez mais expostos e estimulados à insensibilidade pela metamorfose, a indiferença quanto ao sentido qualitativo das coisas atinge proporções inimagináveis. Numa tentativa de resistir aos desprendimentos, surgem “grupos políticos e de parentesco, associações partidárias e religiosas” como uma forma de autopreservação na modernidade, assim como já havia ocorrido no passado (Simmel, 1973, p. 18). Tais grupos veem seus limites obstruídos pelo desenvolvimento da técnica e, paralelo a isso, pela pressão social por uma forma cada vez mais racional de relação com o mundo. Nesse ínterim, a luta de uns pelos outros e pelo lucro substitui a luta dos seres humanos com a natureza pela vida.

Na tentativa de compreender como se dá a transição da vida rural para a vida metropolitana, Simmel averiguou que o maior desafio do intelecto humano está em desenvolver formas da ação racional justificada no pensamento calculista para a vida prática. Enquanto fator que impulsiona os papéis dos seres humanos modernos, a “economia do dinheiro” fornece condições para conduzir os indivíduos dos valores qualitativos aos quantitativos (Simmel, 1973, p. 14). Dos traços característicos que os atores carregam consigo na modernidade, a exatidão da ordem organizada na exterioridade individual vem como substitutiva dos traços que determinam o modo de vida de dentro para fora, e outrora almejados pelos impulsos irracionais.

A reflexão de Simmel sobre o modo como a espiritualidade se manifesta na modernidade e a impulsividade diante dos fatos decisivos do processo de diferenciação é, sobretudo, uma reflexão sobre como são fundadas as relações emocionais no processo de maturação intelectual racional na era moderna. O frenesi ou aceleração do psiquismo em função da receptividade de informações em excesso e transformações rápidas levam os indivíduos a desenvolverem ilustrações disformes dos contrastes que as faces sociais apresentam.

Estímulos contrastantes, tais como os tangenciados pela noção dicotômica entre o sujeito e o objeto de reflexão, culminam no desprendimento de tudo, posteriormente examinados como traço dos indivíduos cuja atitude se baseia nos encaixes exigidos pela sociedade do dinheiro e consumo. É justamente sobre esse contraste ou diferenciações sugeridas na sociologia de Simmel que Cohn (1998) avalia como sendo o jogo sutil das relações sociais nas quais o dinheiro desempenha papel paradigmático na interação indivíduo com a sociedade.

A despeito da noção de vínculos sob o olhar das relações econômicas, seriam para Simmel, segundo Cohn (1998), um engano, uma vez que estas relações, baseadas na troca “marcadas pela legalidade racional”, não bastariam para estabelecer vínculos duradouros. Visto que, dessa forma, as pessoas colocadas frequentemente em interação produzem disparidades, uma vez desconectadas do valor subjetivo e moral que, a princípio, estavam amparados no sentimento de ligação espontânea. Ou seja, forçados pelas obrigações das múltiplas relações simultâneas exigidas pelo sistema econômico, os sujeitos acessariam o mero cumprimento das regras, sem incorporar certos preceitos valorativos.

Como podemos observar, Simmel analisa o comportamento que as pessoas assumem na sociedade de consumo. Para ele, o consumo abarca a dimensão material, imagética e informativa, ao mesmo tempo que funciona como meio de comunicação ou interação, assumindo diferentes formas. Dentre elas, a expressão religiosa voltada ao dinheiro, transformado em objeto de adoração, intensifica a diferenciação primordial e visa compreender o objeto do amor pertencente ao “estágio demasiado elevado da natureza humana” (Simmel, 1993, p. 125). O consumo é, portanto, incluído como conceito fundamental para compreender a formação da vida psíquica a fim de garantir a manutenção da unidade social.

A metodologia compreensiva e relacional adotada por Simmel considera, acima de tudo, as formas que as relações sociais assumem em contextos e condições de possibilidades específicas a cada momento dessa relação. Suas análises têm como foco fenômenos relacionais típicos, produzidos nas mais diferentes formas e, por vezes, mantendo seus conteúdos primordiais. Simmel procurou extrair desses fenômenos as particularidades que a relação entre o objeto de reflexão e as formas de conhecimento orientam. Dentre esses, o conhecimento

filosófico ou religioso, construído na medida em que a sociologia avançava em sua forma compreensiva.

A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE CONHECIMENTO E SUA EXPRESSÃO CONTEMPORÂNEA

Um exemplo que ajuda a esclarecer o que aqui foi desenvolvido é o artigo de Simmel sobre “A arte religiosa em Rembrandt” (Simmel, 2010, p. 91-108). Nesse artigo, ele distingue o modo objetivo da situação religiosa, expresso em fatos e instituições, e o modo subjetivo, que é a expressão do universo interior. A dupla tensão que isso acarreta é solucionada pelo indivíduo que dá significância à situação religiosa, a partir de uma experiência que ganha forma ao ser expressa.

Simmel compara o peso que a dimensão objetiva tem para o catolicismo com o peso que a dimensão subjetiva tem para o protestantismo. Para demonstrar isso, ele faz uso da comparação entre obras de arte produzidas por católicos e as obras produzidas por Rembrandt, um ilustre representante do protestantismo, não só como dimensão subjetiva, mas também cultural, na qual o pintor está imerso. Ele observa, por meio de um passeio pela história da arte, que essa postura, mesmo no catolicismo, sofre variações importantes que denunciam as tensões dentro da própria igreja. Um exemplo claro trazido por Simmel é a diferença entre Duccio di Buoninsegna, no século XIII, e Orcagna, no século seguinte (Simmel, 2010, p. 82).

Rembrandt serve bem para a demonstração da sociologia simmeliana. Todas as suas gravuras e desenhos têm um único tema: o indivíduo religioso. O Jesus apresentado é imanente, e a religiosidade é a piedade produzida pela alma do indivíduo em múltiplas variações (Simmel, 2010, p. 95).

Nesse sentido, o pintor católico Fra Angelico segue de perto essa primazia do indivíduo na vivência religiosa, ou seja, é algo que prescinde de dogmas, doutrinas e leis, com seu caráter universalizante, mas do, para onde se dirige a fé. Ele observa no oitavo parágrafo do artigo que “não se trata de religião excepcional ou psíquica, mas cotidiana e metafísica intemporal que provém da interioridade” (Simmel, 2010, p. 99). Rembrandt expressa a interioridade e individualidade de sua fé fazendo retratos do religioso em vez de retratos religiosos.

Ao conceber a religião como uma qualidade da alma que adquire valor objetivo e metafísico, e ao reproduzir seus personagens dessa forma, Rembrandt revela como esse subjetivismo se constitui num elemento *a priori* determinante do processo artístico, que se torna objetivo na obra de arte.

Com esse tipo de análise e postura teórica, Simmel traz uma nova potência de interpretação do fenômeno religioso. E mais, demonstra como a interação e a parceria da Religião com a Arte beneficiam ambas. Nesse sentido, o artigo de Patrick Watier destaca que “a religiosidade como conteúdo pode dar lugar às formas de socialização não religiosas, da mesma forma que pode, enquanto for posta de maneira pura, se exprimir em religião” (Watier, 1996, p. 27). Adiante, reforçando esse argumento, o autor acrescenta que, no texto que tomamos como ilustração neste artigo, a religiosidade não é uma característica pessoal e subjetiva, mas uma função da vida humana (Watier, 1996, p. 38). O texto consagrado a Rembrandt será particularmente explícito nesse ponto.

A ATUALIDADE DE SIMMEL: EXEMPLOS CONTEMPORÂNEOS DA RELACIONALIDADE

A teoria simmeliana mostra-se profundamente atual para analisar fenômenos do século XXI. A "religiosidade" que Simmel identificou como uma forma de relação pode ser observada em movimentos sociais modernos que transcendem a religião institucionalizada. Por exemplo, o fervor e a devoção observados em fandoms de marcas de tecnologia (como a Apple) ou em comunidades online evidenciam a transferência de conteúdos religiosos para novas formas de interação. A fé no "deus" Tecnologia ou no "messianismo" de certos líderes corporativos ilustra a autonomização da fé descrita por Simmel, onde o laço social puramente psicológico encontra um novo objeto de culto.

Da mesma forma, a análise de Simmel sobre o dinheiro e a atitude *blasé* encontra ressonância na cultura do consumo e na financeirização da vida. As criptomoedas e os *tokens* não fungíveis podem ser vistos como a culminação do processo de abstração e descolamento de valores qualitativos, onde o equivalente monetário atinge seu ápice de impessoalidade. A "prostituição elegante" encontra paralelo na economia de *influencers*, onde a personalidade é monetizada e julgada de forma desigual, conforme o capital simbólico e

econômico envolvido, corroborando a análise de Simmel sobre a diferenciação social baseada em juízos morais assimétricos.

A persistência de conflitos identitários em torno de gênero, raça e classe também pode ser lida pela lente do antagonismo constitutivo das relações sociais. A luta por reconhecimento, longe de ser uma negação da socialização, é, na visão simmeliana, um elemento vital que dinamiza e redefine as formas de sociação, demonstrando a atualidade de seu pensamento para as ciências humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o aporte teórico e metodológico formulado por Georg Simmel é ricamente explorado e oportuniza aos pesquisadores refletirem sobre questões importantes da contemporaneidade, tais como a questão religiosa, o processo de subordinação das mulheres e aspectos relacionados à pobreza. Enquanto estudioso da modernidade, esse sociólogo e filósofo se debruçou sobre muitos temas; dentre eles, escolhemos como objeto deste artigo a construção da moral religiosa sob a ótica relacional simmeliana.

No decorrer deste trabalho, discorreremos sobre a postura intelectual adotada pelo autor frente à construção das relações sociais na modernidade, a qual ele examina, ressaltando por analogia aspectos próprios do fenômeno relacional. Simmel inovou na concepção moderna de religião versus ciência, em uma época na qual se destacou o pensamento racional, e avaliou a questão religiosa sob a perspectiva das representações humanas. Com isso, rompeu com as noções ateístas de sua época, mostrando como os conteúdos humanos, tais como sentimentos, instintos, apegos e pulsões, são permanentes, exigindo das sociedades novas formas de representá-los.

A repetição dos conteúdos de forma atemporal seria preservada nos grupos humanos como uma forma de unir e alinhar uma ideia compartilhada entre indivíduos de um grupo social, seja por meio da religião, dos movimentos de mulheres, de trabalhadores ou na ordem política e jurídica. Contrárias a essa ordem permanente dos conteúdos, as formas, além de serem múltiplas, são de natureza mutável. Por essa razão, o poder sempre renovado da necessidade humana jamais seria eliminado pelo avanço da ciência, uma vez que “a religiosidade é um ser determinado” ou uma qualidade que os seres humanos perseguem,

como diz Simmel (2008), ao defender que a religiosidade não necessariamente tem um Deus como objeto de adoração, haja vista a forma como elabora a realidade a partir da ideia de um todo no qual o indivíduo seria uma partícula.

A sociologia relacional de Simmel é, sobretudo, uma reflexão sobre como e por que os sujeitos aprendem e se adaptam ao que está posto na sociedade moderna. Ele não se limita a contemplar seu objeto de análise à distância. Sua escrita mostra um envolvimento peculiar, distinto dos clássicos da sociologia. Ele ressalta o modo particular com que o ser humano engendra, qualifica e esboça reações em interação com a totalidade. Por isso, as representações e as configurações da vida têm elevada importância nas análises sociológicas desse autor, que vem iluminar reflexões atuais acerca das diferentes expressões humanas.

REFERÊNCIAS

BARBARA, Lenin Bicudo. Leitura de um texto de Simmel à luz de aspectos de sua trajetória intelectual. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 645-651, 2013.

COHN, Gabriel. As diferenças finais: De Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 45-62, 1998.

IVO, Anete Brito Leal. Georg Simmel e a sociologia da pobreza. **CRH**, Salvador, v. 21, n. 52, p. 171-180, 2008.

PAPILLOUD, Christian. Georg Simmel and Relational Sociology. In: DÉPELTEAU, François (Ed.). **The Palgrave Handbook of Relational Sociology**. Ontário: Laurentian University Press, 2018. p. 201-215.

PAULA, Patrícia Amorim de. A pessoa religiosa na Sociologia da Religião de Georg Simmel. In: SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios**. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 109-126, 2006.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: Estudo sobre as formas de sociação**. Tradução de Raúl Enrique Rojo. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios**. v. 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios**. v. 2/2. São Paulo: Olho d'Água, 2011.

SIMMEL, Georg. **Ideias religiosas fundamentais**. Tradução de Pedro M. S. Alves. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-134.

SIMMEL, Georg. Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro (1892). In: SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMMEL, Georg. O fenômeno urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **Textos básicos de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOUZA, Jessé. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold (Org.). **Simmel e a modernidade**. 2. ed. rev. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 8-20.

VELHO, Otávio Guilherme. Introdução. In: SIMMEL, Georg. **O fenômeno urbano**. Organização e introdução de Otávio Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. p. 11-25.

WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 11-48, 2007.

WATIER, Patrick. G. Simmel: Religion, Sociologie et Sociologie de la Religion. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, Paris, v. 93, p. 23-50, jan.-mar. 1996.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the construction of religious morality based on Georg Simmel's relational sociology. Through an exploratory bibliographic research, it discusses how forms of sociation, particularly religious ones, are constituted by reciprocal and often antagonistic interactions among individuals. The text contextualizes Simmel's position in classical sociological thought, explores his central concepts – such as interaction, reciprocity (*Wechselwirkung*), and sociation (*Vergesellschaftung*) – and applies his theoretical framework to interpret phenomena of modernity, such as the monetarization of relationships and the persistence of religiosity. It concludes that the Simmelian perspective, by breaking with substantialist views, offers a powerful and current analytical tool for understanding contemporary social dynamics, in which timeless contents, such as faith, are reinvented in new forms of interaction.

Keywords: Religion; Modernity; Simmel; Relational Sociology.

Recebido em 06/10/2025

Aprovado para publicação em 04/11/2025